

Um acordo difícil

GAZETA MERCANTIL

por Ana Cristina Magalhães
de Nova York

O comitê assessor de bancos considera que "a renegociação da dívida externa brasileira ainda não começou", disse um porta-voz, no início da noite de sexta-feira, durante o terceiro dia de conversas dos banqueiros com o embaixador Jório Dauster e o secretário de Política Econômica, Antônio Kandir.

O fato de que a proposta brasileira de renegociação de sua dívida externa não foi imediatamente aceita pelos bancos também não significa que há uma crise, disse o embaixador Jório Dauster, ao encerrar três dias de conversas com o comitê assessor de bancos, por volta das 21h30 de sexta-feira passada.

Dauster explicou que a missão brasileira veio estabelecer um contato, e que o próximo passo será a visita de um subcomitê técnico dos banqueiros ao Brasil. O executivo sênior interna-



Jório Dauster

cional do Citicorp, William Rhodes, afirmou que o comitê assessor de 26 bancos começa agora a consultar os outros 300 bancos credores do país.

Para o embaixador Dauster, a proposta do Brasil é inovadora, contraria o padrão estabelecido nas negociações de dívida desde 1982, e é por isso normal que os bancos precisem de tempo para pensar, mas pelo menos um dos banqueiros presentes à reunião afirmou, na saída, que "isso aí é difícil" de passar.

Kandir disse aos jornalistas na porta do prédio da avenida Lexington com a rua 53 que "alguns princípios da nossa proposta não foram rejeitados". Isso levou a uma questão óbvia: e quais princípios foram rejeitados?

Segundo Kandir, porém, a palavra "rejeitados" é inadequada: "Alguns dos princípios receberam qua-

lificações", explicou. Ele reconheceu também que "não dá para dizer que a nossa proposta foi aceita integralmente", mas também não se pode dizer que foi rejeitada.

A proposta produziu, como se esperava, uma vigorosa oscilação no preço do principal título da dívida externa do País, Multi Year Deposit Facilit Agreement (MYDFA), no mercado secundário durante a sexta-feira. As 8 horas, em Nova York, o mercado abriu com o papel tendo perdido 10% de seu valor em Londres. O que não se esperava é que, em vez de continuarem caindo, os MYDFA subiram.

Não chegaram a fechar em alta, mas a instabilidade acabou sendo mínima. O papel fechara na quinta-feira a 24,5 centavos de dólar na compra e 24,75 na venda, um ganho de 0,875 centavo, segundo os números da Morgan Stanley Asset Management. Depois de caírem para 22 centavos na manhã de sexta-feira, fecharam à tarde em alta

— a cotação do J. P. Morgan era de 22,75 centavos na compra e 23,25 na venda.

Um outro banqueiro raciocina com a premissa de que "o Brasil fez uma proposta cujo fixo está na tentativa de captar ao máximo possível o desconto do mercado secundário. Fica óbvio que se o País tentar uma recompra direta de dívida os bancos vão conceder descontos de 40%, 50% no máximo. Então o mecanismo de leilão tenta aproximar a recompra do valor do MYDFA no mercado secundário".

Mas o banqueiro pondera que não será fácil para os bancos aceitarem a proposta. "Está bem o Brasil adequar seu desembolso à capacidade de pagamento; mas não está bem o País determinar o desconto, por exemplo. É claro também que o País ofereceu um prazo de 45 anos, mas o prazo final não será de 45 anos. Isso é apenas para negociar, para obter mais do que Venezuela e México conseguiram", concluiu.